



## POLIAMOR: O NÃO-TODO E A INCONSISTÊNCIA DA LEI

Suzana Raquel Bisognin Zanon<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo tem como principal proposta discutir, sob a ótica psicanalítica, o poliamor e suas implicações com o fenômeno do Não-Todo de Jacques-Alain Miller. A partir da personagem Dona Flor, de Jorge Amado, objetiva-se discutir a falta da Lei e a necessidade do gozo como um sintoma da contemporaneidade.

**Palavras-chave:** Gozo. Poliamor. Não-todo. Lei.

Na contemporaneidade, tornou-se muito comum vermos a construção de novos arranjos familiares, o que antes era rotulado como proibido, hoje é trivial no cotidiano das pessoas. Existe a emergência de novos modelos conjugais que se configuram em diferentes dimensões, como a união entre indivíduos do mesmo sexo e/ou aquelas que permitem a existência de mais de dois sujeitos na relação, sem que haja um desconforto aparente entre eles. Mesmo diante da resistência e do preconceito, uma parcela da sociedade mostra-se mais compreensiva e se inclina à aceitação de novos formatos de relacionamento; o tradicionalismo não mais impera; a religião, que sempre dirigiu as normas de conduta e moral, não tem mais o mesmo poder de reger a sociedade. Há discursos que ganham força e se legitimam neste espaço. O poliamor aqui se faz presente.

Nessa discussão, quando se fala em monogamia, não é mais possível dizer que ela é uma regra, mas tende a ser uma escolha, seja ela casual ou não, em qualquer tipo de relacionamento<sup>2</sup>. Há de se reconhecer que as formas de pensar e agir estão mudando e os discursos de poder estão em declínio. Isso sugere pensarmos essa reconfiguração como produto de um sintoma da época, o qual pode ser melhor compreendido por meio da literatura. Desse modo, Dona Flor, do livro *Dona Flor e seus dois maridos* (1966), de Jorge Amado, problematiza essas questões que, sem dúvida, estão atreladas à transgressão de uma lei (fruto do discurso social e político) fundamentada na monogamia.

Pode-se pensar a queda da lei presente em tal percurso como sinônimo da desconstrução de discursos sociais pautados na legitimidade do casamento e da sua estrutura imobilizada pelo preconceito. Jacques-Alain Miller pontua a subjacência de uma produção discursiva que impera na sociedade, o que conduz a uma ética comportamental e afirma que: “Os homens e as mulheres falam, vivem num mundo de discurso, e isso é determinante” (MILLER, 2011).

---

<sup>1</sup> Docente das Faculdades Decisão e Borges de Mendonça (Florianópolis, SC), mestre em Letras pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI/FW), doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina (PGCL/UNISUL). E-mail: suzannazonan@gmail.com

<sup>2</sup> Conforme pesquisa publicada na revista eletrônica *The Independent* (agosto de 2013), o perfil monogâmico dos arranjos familiares vem cedendo espaço ao poliamor, cuja proposta firma-se na liberdade e na busca da felicidade dentro do relacionamento. Disponível em: < <http://www.independent.co.uk/life-style/health-and-families/health-news/monogamy-is-outdated-according-to-controversial-bbc-investigation-8773477.html>>.



Diante disso, chama-nos a atenção o que Ernesto Sinatra (2013) argumenta sobre a sociedade globalizada como sintoma da época moderna. As variações dos discursos e das práticas cotidianas, bem como as batalhas de gênero, compõem a produção sintomática proferida pelo psicanalista argentino. Com base nessa afirmação, faz-se importante destacar que os estudos de Sinatra têm como fundamento o que Jacques-Alain Miller fala a respeito de um Não-Todo<sup>3</sup> (queda da Lei) que rege o contemporâneo. Para ele, a feminização do mundo ganha um espaço e desconstrói os princípios masculinos da civilização, as posições se invertem e a tradicionalidade se enfraquece. Há, para Miller, uma reorganização social:

Os estereótipos socioculturais da feminilidade e da virilidade estão em plena mutação. Os homens são convidados a acolher suas emoções, a amar, a se feminizar; as mulheres, elas, conhecem ao contrário um certo “empuxo-ao-homem”: em nome da igualdade jurídica são conduzidas a repetir “eu também”. Ao mesmo tempo, os homossexuais reivindicam os direitos e os símbolos dos héteros, como casamento e filiação. Donde uma grande instabilidade dos papéis, uma fluidez generalizada do teatro do amor, que contrasta com a fixidez de antigamente. O amor se torna “líquido”, constata o sociólogo Zygmunt Bauman. Cada um é levado a inventar seu próprio “estilo de vida” e a assumir seu modo de gozar e de amar. Os cenários tradicionais caem em lento desuso. A pressão social para neles se conformar não desapareceu, mas está em baixa (MILLER, 2011)<sup>4</sup>.

Em "Mulheres e semblantes", Miller defende que a civilização é movida por feições e aparências, o que certifica sua relação com o Nome-do-Pai, cuja sublimação<sup>5</sup> nele opera. Para o psicanalista, o “Nome-do-Pai [...] já indica que ele é um semblante e que a civilização se sustenta por semblantes” (MILLER, 2010, p. 12).

A proposta, aqui, é pensar Dona Flor como uma personagem que intermedia as interpretações acerca das formas de gozo e sua manifestação como produto sintomático do contemporâneo. Os estudos do psicanalista argentino Ernesto Sinatra contribuirão para o entendimento do que se propõe. Segundo ele, “o imperativo da civilização atual tornou-se ‘deves gozar!’” (SINATRA, 2013, p. 16). Sob essa ótica, hoje se observam novas categorias de relações amorosas, ou seja, lésbicas, gays, bissexuais ou transexuais que fazem parte de uma nova implosão de gênero no século XXI, de acordo com o mesmo autor. Novas maneiras de se obter prazer emergem como um sintoma que resiste

<sup>3</sup> Em "Intuições Milanesas II", Miller fala que a máquina social contemporânea é o não-todo. Para ele, a organização da sociedade está pautada no mito do Pai, que pressupõe a Lei que rege as coisas. A estrutura do Todo cedeu espaço a do não-todo, que comporta a inexistência das barreiras que estejam na posição do interdito. Neste estudo, Miller sustenta que: “O interdito parece estar em contradição com o movimento do não-todo” (2011, p. 10).

<sup>4</sup> Entrevista realizada por Hanna Waar e publicada na *Psychologies Magazine* de outubro 2008 (nº 278). Tradução de Maria do Carmo Dias Batista. Disponível em: <<http://lisandronogueira.com.br/2014/06/17/entrevista-de-jacques-alain-miller-a-psychologies-para-amar-e-necessario-reconhecer-que-se-tem-necessidade-do-outro/>>.

<sup>5</sup> Nos estudos psicanalíticos, foi Sigmund Freud quem propôs o conceito de sublimação em seus escritos *Moral civilizada e doença nervosa moderna*. Para a psicanálise, a sublimação tem origem na pulsão sexual, cujos instintos sexuais colocam “à disposição da atividade civilizada uma extraordinária quantidade de energia, em virtude de uma singular e marcante característica: sua capacidade de deslocar seus objetivos sem restringir consideravelmente a sua intensidade” (FREUD, 2006, p. 100). A definição de sublimação parte dessa dinâmica proposta por Freud, que complementa, dizendo que: “A essa capacidade de trocar seu objetivo sexual original por outro, não mais sexual, mas psiquicamente relacionado com o primeiro, chama-se capacidade de sublimação” (FREUD, 2006, p. 100).



às leis de um Estado movido pelo preconceito. O poliamor faz parte dessa problemática, pois é “o único relacionamento que afirma ser possível e preferível que todos amem a mais de uma pessoa ao mesmo tempo” (PILÃO; GOLDEMBERG, 2012, p. 68).

Tendo em vista que a protagonista de Jorge Amado problematiza o projeto familiar em decadência e sugere o estudo de novos arranjos, salienta-se que os modelos tradicionais da família vêm sendo substituídos por um novo desenho social que prioriza a satisfação como um interesse constante, ainda que em meio à resistência sociopolítica e da igreja. Comentando sobre a legalização do matrimônio igualitário (aprovado em 2010 na Argentina), Sinatra pontua que

Além – e aquém – das birras ultramontanas dos representantes da família tradicional, a Igreja católica se ergueu como defensora da oposição, agitando os estandartes do direito Divino e Natural, invocando Sodoma e as hostes do demônio como suposto instigador do acontecimento (que, na verdade, não foi outra coisa senão a aprovação de uma lei) (SINATRA, 2013, p. 17).

A discussão de Sinatra aponta o Outro social como interferência das novas regularidades do gozo, já que a transgressão se dá na igualdade do matrimônio e a identidade de gênero não é mais vista como corpo e sexo. Essa ideia vem ao encontro do pensamento de Bataille, que reforça: “Não há interdito que não possa ser transgredido. Frequentemente a transgressão é admitida, muitas vezes ela é até prescrita” (2014, p. 87).

É notório que em *Dona Flor e seus dois maridos* o segundo casamento opera como garantia de estabilidade de Dona Flor, ao contrário do primeiro. Para tanto, a presença imaginária de Vadinho, na vida de Flor, conduz à desestabilização e à fragilidade do matrimônio com Theodoro, uma vez que, mesmo promovendo a segurança na vida de Flor, é instável. Nesse contexto, ao discutirem sobre as relações familiares e novos contextos que se constroem no mundo moderno, os estudiosos Paul-Henri e Marie-José Lauwe (2014) sustentam que “a concepção estática da família, considerada como um refúgio, uma garantia de estabilidade ou de ordem social, está hoje ultrapassada”.

Sob esse ponto de vista, nota-se que novas formas de construção da família vão ao encontro do aborto de um constructo de leis e normas rígidas, amparadas pelo Direito<sup>6</sup> e pelo próprio pensamento de uma sociedade ainda alienada em tradições engessadas. Ao mesmo tempo, tais implicações se encontram ultrapassadas por novas práticas conjugais que se edificam. Exemplo disso são as novas maneiras de convívio conjugal “desestabilizantes”: o casamento de pessoas do mesmo sexo e relacionamentos que subvertem os princípios monogâmicos, como é o caso do poliamor.

---

<sup>6</sup> Em sua Tese de doutoramento, Marise Soares Corrêa argumenta sobre a conduta patriarcal no casamento, pontuando que: “Assim, deve-se comentar também que a família brasileira guardou as marcas de suas origens: da família romana, a autoridade do chefe de família; e da medieval, o caráter sacramental do casamento. Desta maneira, a submissão da esposa e dos filhos ao marido, ao tornar o homem o chefe de família — que, fincada na tradição, vem resistindo, na prática, a recente igualdade legal que nem a força da Constituição conseguiu sepultar — encontra a sua origem no poder despótico do pater famílias romano. Ainda, o caráter sacramental do casamento advém do Concílio de Trento, do século XVI” (CORRÊA, 2009).



Nessa abordagem, o gozo se apresenta como uma obrigatoriedade e, não mais, objeto de renúncia. Ao debruçar seus estudos sobre a implosão do gênero, Sinatra reforça os estudos de Freud sobre o texto *O mal-estar da civilização* (1974). Tal texto é pautado na renúncia ao gozo, em uma civilização regida pela obediência paternalista, ou seja, não se pode gozar, já que o castigo e a culpa seriam resultados disso. Nessa época, defendia-se a indissolubilidade da legitimidade monogâmica, bem como da existência do amor como fenômeno operante da continuidade da família. O catolicismo, assentado na ética cristã da Igreja, pregava o culto ao “não gozo”, já que se “devias deixar de gozar”. Ao relacionar com o atual contexto, no século XXI, Sinatra pontua o fenômeno do gozo como um objeto renovado, que busca as diversas formas de realização, como bem diz o estudioso: “o imperativo da civilização atual tornou-se 'deves gozar!', numa época em que se sabe demasiadamente da inexistência da relação sexual” (SINATRA, 2013, p. 16). Sinatra ainda comenta sobre a implosão de gêneros variantes como gays, lésbicas e transexuais que aparecem como transgressores de um sistema sociopolítico que se enraíza na discriminação de minorias sexuais, ridicularizando e desestabilizando um “formato” familiar legitimado pelo Direito e pela Igreja Católica, que define o demônio como encorajador do desvio dos dogmas que coadunam a legitimidade da família e da relação heterossexual. Comentando sobre as restrições impostas pela civilização quanto à constituição dos relacionamentos, Freud argumentava que

[...] o próprio amor genital heterossexual, que permaneceu isento de proscrição, é restringido por outras limitações, apresentadas sob a forma da insistência na legitimidade e na monogamia. A civilização atual deixa claro que só permite os relacionamentos sexuais na base de um vínculo único e indissolúvel entre um só homem e uma só mulher, e que não é de seu agrado a sexualidade como fonte de prazer por si própria, só se achando preparada para tolerá-la porque, até o presente, para ela não existe substituto como meio de propagação da raça humana (FREUD, 1974, p. 11).

A afirmação de Freud pontua um posicionamento extremado, que configura as balizas da escolha sexual. Neste cenário, as novas formas de relacionamento “obedeceriam” a um novo formato dos laços afetivos, frente a uma nova ordem simbólica. Jorge Forbes discute tal impasse, dizendo que: “Muito temos falado sobre o que seria essa nova ordem simbólica, que não é mais o que era e temos usado o termo precariedade para falar da precariedade dos laços e do sentido na contemporaneidade” (FORBES, 2012, p. 259). Este estudioso defende a ideia de que essa nova ordem sintomatiza o declínio da autoridade paterna e das mudanças nos primórdios do século XX, proferida por Freud. Deste modo, o “pai da psicanálise” confere à mudança do século XX ao XXI o papel de agenciadora de um cenário patológico, instável e oscilante. Para Forbes, “Freud toca o cerne da ordem simbólica ao apontar o *pathos* do pai e o desestabiliza definitivamente” (FORBES, 2012, p. 259, grifo do autor). O psicanalista Carlos Vígano, por sua vez, comenta que “o declínio da lei faz com que o sujeito tenda a se regular sobre um modelo, sobre uma imagem que presentifica a ordem do possível” (VIGANO, 2010, p. 67). Este declínio da lei se faz presente desde Ema à Dona Flor, já que elas se configuram nos romances como protagonistas de comportamento um tanto extremado ao período em que se inserem.



É nessa conjuntura que se pode discutir a constituição familiar sob uma ótica que rejeita as estruturas antigas, as quais estão sendo superadas por atuais modelos que agenciam um novo *modus vivendi* que vem a triunfar e se enraíza nas comunidades contemporâneas. Há, nesse sentido, a contestação da união conjugal apenas entre homem e mulher, fato que sinaliza a recusa a modelos tradicionais.

Se antes, a família poderia ser considerada a “célula germinal da civilização”, segundo o posicionamento de Freud, hoje ela é um projeto que desconstrói a autoridade paternalista e questiona uma nova ordem. São as necessidades do sujeito contemporâneo que demarcam tais injunções. Em Dona Flor, nota-se a necessidade de buscar a satisfação sexual que não encontra no segundo casamento, e é sob este terreno que propomos a discussão da vitalidade da família no mundo contemporâneo e as formas de estabelecimento de poder dentro delas. Nosso objeto de estudo configura a queda da lei e a necessidade de ir contra ela. Neste sentido, Paul-Henri e Marie-José Lauwe enaltecem que

[...] a família nada perdeu de sua importância, do seu vigor, da sua vitalidade, mas atravessa uma fase de completa transformação. Ignorá-lo seria condená-la a novas decepções. Reconhecê-lo pode abrir-lhe horizontes ilimitados e contribuir para uma transformação do conjunto das estruturas sociais, que mais largamente corresponda às necessidades dos homens (LAUWE, 2014).

A necessidade evidenciada pelos autores contribui à compreensão de novos fenômenos como a implosão de gêneros e o novo formato de constituição familiar. Partindo desse ponto de vista, Sinatra (2013) acredita ser a massificação do consumo e suas poli-adições fenômenos que circundam e remodelam as roupagens da sexualização, elementos que agenciam e promovem novas formas de gozo. Dessa maneira, discute-se a queda do Pai, o que gera a desestabilização do antigo formato familiar. Jorge Pimenta Filho sustenta esse olhar, afirmando que: “Não temos hoje a marca de um pai garantidor da estrutura, de um pai para todos, mas sim a pluralização do pai: um pai para cada um. O que culmina com a noção de sintoma, ou seja, a de um elemento que pode enlaçar a estrutura, mas que nada garante” (PIMENTA FILHO, 2006, p. 103). O autor acredita ainda que na contemporaneidade o fenômeno da ordem não é garantia de consistência, já que vislumbramos a própria instabilidade do Nome do Pai. Tal fragilidade esbarra no Complexo de Édipo, ou seja, o mito que sustenta o tratamento das relações parentais da entrada na cultura. Segundo Silvia Emilia Espósito, “é função do pai transmitir a tradição de uma comunidade em particular, via régia identificatória, que articula passado e presente e conseqüentemente funda a irmandade, base da exclusão” (ESPÓSITO, 2010, p. 167). A psicanalista ainda reforça que essa articulação agencia os padrões de adequação e a condução dos modos de satisfação. No entanto, “a função do pai só é eficaz na medida em que se autorize na aliança com Deus” (ESPÓSITO, 2010, p. 167). A garantia do sentido e a obediência às leis só podem ser alcançadas caso se confie em um Deus, o qual configura o medo das conseqüências da infração daquilo que se considera proibido.



Neste contexto, Sinatra discute a teoria do Não-Todo de Jacques-Alain Miller, a qual pontua a inoperância de um elemento de controle na sociedade contemporânea. Para ele,

Miller concluye que la estructura de la globalización no obedece a la configuración tradicional de las sociedades tradicionales, sino que es afectada por la extracción de la excepción. Ello tiene una consecuencia precisa: el desplazamiento hacia el Otro lado de las fórmulas de la sexuación, el No-Todo, con la que caracterizamos a lo femenino. Es necesario precisar que estas fórmulas indican, para Lacan, lugares de inscripción de los cuerpos, y no necesariamente distribución de hombres y mujeres. Se trata de elecciones inconscientes de sexo que operan para cada sujeto. En ausencia del Todo-Unificante, eso siempre muestra su inconsistencia: proliferan micro-totalidades, sistemas abiertos de configuración social -tribus urbanas, por ejemplo- integradas por individuos que se agrupan a partir de una coalescencia del saber y del intento de hacer reconocer sus formas de gozar<sup>7</sup> (SINATRA, 2014).

O psicanalista argentino acredita que as novas formas de gozo qualificam o mundo moderno. O gozo, assim, afiança o sintoma da atual sociedade, a qual busca, em várias instâncias, a satisfação e o prazer. As várias formas de gozar são entendidas por Sinatra como urgências que se identificam no consumo, nas drogas, no trabalho e no sexo. Para ele, toda ação humana propicia sempre uma forma específica de gozo, cada indivíduo singulariza segundo sua própria modalidade de satisfação fantasmática (SINATRA, 2013, p. 14). O estudioso argumenta ainda que os sintomas tradicionais (aqueles estudados no século freudiano, analisados e decifrados seguindo os traços do inconsciente) já não são mais capazes de sustentar o mal-estar atual da subjetividade, já que eles se esgotam, dando lugar a outros sintomas. Sinatra explica que “embora no século freudiano fossem as amnésias histéricas e os rituais obsessivos os sintomas clássicos que demonstravam a predominância da defesa, hoje os sintomas revelam mais decisivamente as formas de gozo” (2013, p. 43).

Em uma das passagens do romance de Jorge Amado, *Vadinho* fala da condição de entremeio de Flor, entre aquele que lhe proporciona o prazer do sexo e aquele que lhe dá paz e lhe confere a honra de esposa fiel e casta dentro da sociedade:

Eu sou o marido da pobre dona Flor, aquele que vai acordar tua ânsia e morder teu desejo, escondidos no fundo de teu ser, de teu recato. Ele é o marido da senhora dona Flor, cuida de tua virtude, de tua honra, de teu respeito humano. [...] Somos teus dois maridos, tuas duas faces, teu sim, teu não (AMADO, 2008, p. 537).

O recato de Flor vai além das aparências, uma vez que ele esconde o desejo por Vadinho. Para ser completa, a protagonista precisa dos dois e é isso que nos faz pensar

---

<sup>7</sup> "Miller conclui que a estrutura da globalização não obedece à configuração tradicional das sociedades tradicionais, mas é afetada pela remoção da exceção. Isso tem uma consequência precisa: o deslocamento até o Outro lado das fórmulas da sexuação, o Não-Todo, com o que caracterizamos o feminino. Deve se notar que estas fórmulas indicam, para Lacan, lugares de inscrição dos corpos, e não, necessariamente, distribuição de homens e mulheres. Se trata de escolhas inconscientes de sexo que operam para cada sujeito. Na ausência do Todo-Unificante, que sempre mostra a sua inconsistência: proliferam micro-totalidades, sistemas abertos de configuração social - tribos urbanas, por exemplo - compostos por indivíduos que se agrupam a partir de uma coalescência de saber e de tentativa fazer reconhecer suas formas de gozar" (Tradução minha).



no Não-todo como operante nessa circunstância, já que ela não tem domínio de seu desejo e não vê limites para ele. É essa delimitação que nos instiga a buscar as explicações sobre o Não-todo existente no romance em questão e como ele se relaciona com o gozo e promove um sintoma.

Ao delimitar seus estudos sobre as formas de gozo, em específico o gozo feminino, Sinatra acredita que nele existe um paradoxo, sendo que

É um obstáculo para ambos os sexos: por um lado, para os homens é a angústia da castração que se ativa na hora da verdade, ou seja, quando se trata de acender uma mulher (recordemos a função prototípica do fantasma masculino que considerava a mulher ‘um homem castrado’: daí vem a recusa da feminidade); por outro lado, para uma mulher não é menos complicado, já que se trata ali de chegar a ser Outra para si mesma, o que demonstra o obstáculo das mulheres não apenas com o sexo, mas também com a Outra mulher. Por isso, não apenas a questão do orgasmo é um problema para cada mulher é, também, a eleição dos semblantes com os quais se vestirá para alcançar o gozo “com o falo, mas além dele, mostrando a duplicidade da posição feminina” (SINATRA, 2013, p. 132).

É perceptível, no posicionamento de Sinatra, a existência de formas independentes de gozo e o processo que o regulamenta, bem como a autoidentificação do sujeito para que ele possa alcançar esse gozo que se inscreve no corpo. Comentando sobre as relações entre sintoma e corpo, Esthela Solano-Suarez afirma que “o sintoma é um acontecimento de corpo por estar ligado [...] ao fato de termos esse corpo, ao fato de podermos dizer que os seres falantes têm um corpo. Ter um corpo não é a mesma coisa que ser um corpo: ter um corpo é poder tratá-lo como um objeto” (SOLANO-SUAREZ, 2006, p. 110). Também Silvia Salman acredita que “si el sinthome es lo que viene a escribir-se en el lugar de la relación sexual imposible de ser escrita, lo que se ama en el fondo en alguien es su sinthome, es decir los signos que este envía y que reflejan la manera como cada uno trata la ausencia de la relación sexual”<sup>8</sup> (SALMAN, 2012, p. 75).

Nessa linha de raciocínio, é saliente o fato de o Não-Todo configurar a preeminência da exceção. Isso nos faz pensar na inexistência de um mecanismo de controle no relacionamento de Flor com os dois maridos, uma vez que não há balizas “reais” que comprometam o encontro com Vadinho, que apenas se faz presente no plano imaginário. Portanto, não há uma exceção, algo que possa julgar e comprometer a honra de Flor, pois ninguém é capaz de enxergar o que faz com os dois maridos. A bigamia é apenas de ordem simbólica, no entanto, revela a mutilação de um formato familiar pré-estabelecido pelo sistema. Para Elizabeth Roudinesco, “sem ordem paterna, sem lei simbólica, a família mutilada das sociedades pós-industriais seria, dizem, pervertida em sua própria função de célula de base da sociedade” (2003). É essa perversão imaginária que se encontra no texto de Amado para explicar também a ausência da exceção. Comentando sobre o assunto, Sinatra sustenta que: “sem exceção, já não se sustenta o Todo como antes, por isso é o Não-todo que toma o seu lugar” (2013, p. 30). Afora isso, o estudioso acrescenta que a forma de comando da atual sociedade é regida por essa lógica, ou seja, o Não-Todo que governa a subjetividade.

---

<sup>8</sup> “Se o sintoma é o que vem a se escrever no lugar da relação sexual impossível de ser escrita, o que se ama no fundo em alguém é seu Sintoma, ou seja, os signos que ele envia e que refletem a maneira como cada um trata a ausência da relação sexual” (Tradução minha).



Seguindo a lógica da teoria proposta por Sinatra, a feminização do mundo é fruto da leitura feita à risca sobre “a subtração da exceção, encarnada até ontem na autoridade do pai” (SINATRA, 2013, p. 30). Tais fundamentos reforçam a ideia da queda da autoridade nas sociedades ocidentais, de forma que o não-gozo configura poderes e princípios que já foram superados por novas estruturas, as quais priorizam a obrigatoriedade do gozo. Contribuindo com estes esclarecimentos, o estudioso alemão Ulrich Beck comenta a passagem do Todo para o Não-Todo, afirmando o seguinte: “os valores tradicionais deixaram de ser aqueles que fixaram – sempre de alguma maneira permanente – o indivíduo às gerações anteriores” (BECK apud SINATRA, 2013, p. 42).

Por fim, ao relacionarmos tal abordagem ao conceito que se tem de família, sob a ótica ocidental, Roudinesco pondera que:

Na época moderna, a família ocidental deixou portanto de ser conceitualizada como o paradigma de um vigor divino ou do Estado. Retraída pelas debilidades de um sujeito em sofrimento, foi sendo cada vez mais dessacralizada, embora permaneça, paradoxalmente, a instituição humana mais sólida da sociedade (ROUDINESCO, 2003).

É com base na ausência de uma base familiar, no mundo moderno, que se pode trazer Dona Flor como o próprio sujeito em sofrimento e que, por meio da transgressão da lei, consegue se satisfazer.

É possível dizer que a transgressão como lei se fundamenta no fato de ser a necessidade do gozo o sintoma do mundo moderno, o que ganha corpo na diversidade, seja ela da ordem de gênero sexual ou de novos arranjos familiares, tendo o poliamor como uma das tendências.

Ao estudar as relações entre interdito e transgressão, Bataille defende que: “em todos os tempos, em todos os lugares, de que temos conhecimento, o homem se define por uma conduta sexual submetida a regras, a restrições definidas: o homem é um animal que permanece 'interdito' diante da morte, e diante da união sexual” (2014, p. 74). Nessa dimensão, o estudioso recorre à análise do fenômeno do erotismo, o que faz parte da experiência interior. O homem, segundo Bataille, busca no mundo exterior um objeto de desejo, o qual, no entanto, responde à interioridade deste desejo, ou seja, o gosto individual sempre está presente nesta escolha. O erotismo, de acordo com o autor, “é, na consciência do homem, o que nele coloca o ser em questão” (BATAILLE, 2014, p. 53).

Para entender o erotismo, Bataille fala sobre as peculiaridades do universo humano e animal. Para ele, apenas os homens possuem regras e normas a serem seguidas e cumpridas. Deste modo, o estudioso acredita serem o interdito e a transgressão fenômenos que andam alinhados, já que um depende do outro para existir. A guerra, por exemplo, é a própria experiência que regulamenta a proibição do assassinato e, por isso, a transgressão; não há proibição sem a transgressão que a regule. Sob essa ótica, ele defende que



Sem o interdito, sem o primado do interdito, o homem não teria podido chegar à consciência clara e distinta, sobre a qual a ciência está fundada. O interdito elimina a violência, e nossos movimentos de violência [...] destroem em nós a calma ordenação sem a qual a consciência humana é inconcebível (BATAILLE, 2014, p. 61).

Os argumentos do pensador francês reforçam a ideia de que caso não houvesse proibições, o homem estaria fadado ao desconhecimento sobre aquilo que é certo e errado, já que o interdito é um dispositivo que sustenta tal injunção. Além dessas considerações, é importante salientar que “o interdito observado sem pavor não tem mais a contrapartida de desejo, que é o seu sentido profundo” (BATAILLE, 2014, p. 60). Tal afirmação sugere ser o medo fundamental à existência do interdito, já que sem desejo, não há proibição que possa ser transgredida. A angústia, por sua vez, suscita o interdito, já que ela leva ao arrependimento, ao medo, após a transgressão de um limite. Para Guimarães (2010, p. 78), Lacan pensa ser a angústia um afeto que não engana e que toca o real do objeto que a ela está atrelado, ou seja, não existe a angústia sem o objeto. Além disso, a autora pontua que este afeto é muito problemático, visto que pode ser produtor de separação, bem como paralisante e insuportável àquele que a suporta. Para Bataille,

A verdade dos interditos é a chave de nossa atitude humana. Nós devemos, nós podemos saber com exatidão que os interditos não são impostos de fora. Isso nos aparece na angústia, no momento em que transgredimos o interdito, sobretudo no momento suspenso em que ele ainda atua, e em que, não obstante, cedemos à impulsão a que ele se opunha. Se observarmos o interdito, lhe somos submissos, deixamos de ter consciência dele. Mas experimentamos, no momento da transgressão, a angústia sem a qual o interdito não existirá: é a experiência do pecado (BATAILLE, 2014, pp. 61-62).

Bataille ainda analisa o fenômeno da experiência como sendo o condutor da sensibilidade, que promove a sensação de medo e pavor, como no caso da sensibilidade religiosa, que estreita os laços do prazer e angústia ao mesmo tempo. “O interdito está aí para ser violado” (BATAILLE, 2014, p. 88) e o desejo de transgressão está inscrito nesse processo, ou seja, só violamos aquilo que, de certa forma, nos traz satisfação. A dualidade (interdito e transgressão) é necessária para que o ciclo se complete. Ainda, segundo o pensador francês, “a preocupação com uma regra é por vezes a maior na transgressão: pois é mais difícil limitar um tumulto uma vez começado” (BATAILLE, 2014, p. 89). Por fim, a transgressão partirá de um desejo inclinado à desobediência do interdito.

A transgressão pode ser considerada elemento indissociável do contexto das relações amorosas do século XXI. Ela existe porque ainda há limites que esbarram na consciência do interdito. Frente ao esgotamento de discursos hegemônicos (verdades, o que é certo ou errado), a cultura do mundo moderno adere a uma nova roupagem. Raul Antelo acredita que “a cultura contemporânea não é portanto tão somente acontecimento, mas, de fato, exaustão do próprio acontecimento. Busca, como antropófagos, a dispersão, porque seu desejo de fragmentação se institui através da guerra (guerra de saberes, guerra de linguagens)” (ANTELO, 2001, p. 266).



É pensando na fragmentação dos discursos e no fenômeno da diversidade que se acredita ser o indivíduo “o verdadeiro sintoma social”, conforme pontua Sinatra (2013, p. 44). Romildo do Rêgo Barros sustenta que, quando se fala em amor, são cada vez maiores as dificuldades em defini-lo, já que nos defrontamos com dificuldades particulares, “a cada aproximação que fazemos, o amor parece escapar por entre os dedos, parece resistir a uma síntese. Aparecem [...] novas subdivisões, a tal ponto que concluímos que o amor não é uno, e talvez não se preste a nenhuma síntese” (BARROS, 2008, p. 33). Nessa discussão, Miller acredita que “há no amor uma característica de contingência. O amor depende de encontros que se produzem por acaso” (2006, p. 15). É a partir de tais argumentos que se pode falar na urgência de amar e se fazer amado que culmina no século XXI, sendo a prática do poliamor o modelo que opera os valores de igualdade e liberdade, cujo discurso central é o amor.

Em seus estudos sobre a prática do poliamor, Christian Klesse (2006) o considera como o discurso da não-monogamia. Além disso, a estudiosa afirma que “polyamory it is a contested term. Its concrete meanings have been an issue of ongoing debate”<sup>1</sup> (KLESSE, 2006, p. 567). Tendo em vista que o estudo da pesquisadora parte da análise de discursos de entrevistados, a professora apresenta os conceitos obtidos por meio dos depoentes. Um dos depoentes argumenta que “I suppose it’s good to distinguish it clearly, just in one word. If everyone wants to agree, it would be multiple relationships. [...] It’s loving relationships. I suppose it may not have to be physical relationships even”<sup>2</sup> (KLESSE, 2006, p. 567). Klesse destaca a conceitualização do termo por outro entrevistado, que diz: “people, who identify as polyamorous believe in the idea of more than one relationship, meaning more than one love relationship. And they don’t even have to be sexual”<sup>3</sup> (KLESSE, 2006, p. 567). Segundo a estudiosa, as respostas dos pesquisados pontuam uma definição que dispensa a necessidade da relação sexual, o que contraria os argumentos da maioria dos poliamoristas. Estes, por sua vez,

used the term ‘partner’ to refer to their multiple relationships of varying degrees of intimate closeness or commitment. According to hegemonic patterns of understanding, partnership tends to be perceived as a sexual relationship – or at least a relationship that originally was based on sexual attraction<sup>4</sup> (KLESSE, 2006, p. 567).

O termo poliamor teria surgido em dois momentos distintos na década de 1990: o primeiro, com base espiritual e pagã, ocorreu em um evento público em Berkeley (Califórnia), composto por neopagãos que buscavam criar um Glossário de

---

<sup>1</sup> “Poliamor é um termo contestado. Seus significados concretos têm sido um problema dos debates em curso” (Tradução minha).

<sup>2</sup> “Suponho que seja bom distinguir claramente, em apenas uma palavra. Se todo mundo quiser concordar, seriam as múltiplas relações. [...] São relacionamentos amorosos. Suponho que não precisam nem mesmo ser relações físicas” (Tradução minha).

<sup>3</sup> “as pessoas que se identificam como poliamorosas, acreditam na noção de mais de um relacionamento, o que significa mais do que um relacionamento amoroso. E ele nem sequer tem que ser sexual” (Tradução minha).

<sup>4</sup> “usaram o termo “parceiro” para se referir às suas múltiplas relações de diferentes graus de proximidade ou compromisso íntimo. De acordo com os padrões hegemônicos de compreensão, a parceria tende a ser percebida como uma relação sexual - ou, pelo menos, que originalmente fosse baseada na atração sexual” (Tradução minha).



Terminologia Relacional; o segundo, em 1992, teve Jennifer Wesp como representante, a qual lançou a discussão sobre o poliamor em um grupo de e-mails. Nesse período, o termo foi reconhecido como sinônimo de não monogamia (CARDOSO, 2010, apud PILÃO; GOLDENBERG, 2012).

Ao discutir as práticas do poliamor, Deborah Anapol (2010) comenta que a razão de ter escolhido estudar o poliamor se deu por causa da confusão cultural que existe entre sexo e amor, fenômenos que se complementam, mas não se equivalem. A mesma autora fala que, nos anos 80, o poliamor não era somente uma possibilidade normal de encontro de homens e mulheres de meia idade; isso era moda assim como hoje. Para ela,

Yet even in those days, three or four people in the middle of nowhere accidentally fall in love with each others. And quietly set out to build a life together. Before global internet access, Google and the Web make networking easy, such people were isolated and often imagined that they were the only ones in the whole world who'd discovered that love can be shared with more than one significant other<sup>5</sup> (ANAPOL, 2010, p. XIII).

O poliamor, para a autora, serve como máscara ou desculpa para atenuar os vários vícios como o trabalho e o sexo, além de outros dramas que incomodam o sujeito. Afora isso, a escolha também pode depender de uma simples diversão ou aversão às proibições religiosas ou até mesmo como uma arma frente à luta entre poderes (ANAPOL, 2010). A prática do poliamor também opera como punição ao controle do parceiro, além de ser uma forma de estimular um relacionamento que já existe, servindo como realização de fantasias sexuais (ANAPOL, 2010). Por fim, o "polyamory offers a venue in which sex addicts can begin at least to tell de truth about what they're doing instead of carrying on secret affairs"<sup>6</sup> (ANAPOL, 2010, p. 27).

Partindo do pressuposto de que a prática poliamorosa consiste na aceitação e no consentimento de ambos os sujeitos, o relacionamento ou casamento aberto "are nonexclusive couple relationship, the main difference being whether the couple is married. In this scenario, the partners have agreed that each can have outside partners. A wide variety of ground rules and restrictions may apply"<sup>7</sup> (ANAPOL, 2010, p. 16). O swing ajusta-se a este caso, já que prevê a relação sexual com mais de uma pessoa (PILÃO; GOLDENBERG, 2012). Nesse contexto, no relacionamento poliamoroso, a promiscuidade é desprezada, de modo que há lugar para experiências que não sejam fundamentadas no amor e em longo prazo. A filosofia dessas relações celebra a recusa do comportamento casual, o qual se configura na imagem das putas (SCHASCHEK, 2013).

---

<sup>5</sup> "No entanto, mesmo naqueles dias, três ou quatro pessoas no meio do nada acidentalmente se apaixonavam umas pelas outras. E discretamente construíam uma vida juntos. Antes do acesso global à Internet, o Google e a Web tornaram as redes de relacionamentos mais simples, tais pessoas eram isoladas e, muitas vezes, imaginavam que eram as únicas em todo o mundo que haviam descoberto que o amor pode ser compartilhado com mais de um outro significativo". (Tradução minha).

<sup>6</sup> "O poliamor oferece uma via na qual os viciados em sexo podem ao menos começar a dizer a verdade sobre o que fazem, ao invés de sustentar relacionamentos secretos". (Tradução minha).

<sup>7</sup> "são relações de casais não-exclusivos, a principal diferença é que o casal é casado. Neste cenário, os parceiros concordaram que cada um pode ter parceiros externos. Uma grande variedade de regras básicas e restrições podem ser aplicadas" (Tradução minha).



Klesse defende a ideia de que não é permitida a promiscuidade no poliamor, pois esta é revestida de um sentido pejorativo e tem como base a filosofia do sexo casual. A estudiosa diz que “the major difference between people, who are into promiscuity, swinging and casual sex, and practitioners of polyamory is that the latter have fewer partners and an honest interest in building intimate long-term relationships”<sup>8</sup> (KLESSE, 2006, p. 574). Nota-se que há um sentido de comprometimento no poliamor, ao contrário da poligamia, que “pressupõe assimetria de gênero, ou seja, há um único polígamo em cada relação” (PILÃO; GOLDENBERG, 2012, p. 64).

Para os poliamoristas, privilegiam-se os pedidos do coração mais do que as regras e os compromissos (KALDERA, 2005, p. 187). Na mitologia grega, por exemplo, Afrodite, a deusa da sexualidade, alimentava-se da necessidade de manter os vários relacionamentos, o que é compatível à prática do poliamor. “Aphrodite may have gotten married to Hephaestus, but she slept frequently with other gods and mortals, even when that infuriated him. To her, there was nothing unethical about it; it’s foolish to think that one can so contain a love goddess”<sup>9</sup> (KALDERA, 2005, p. 187).

A emergência dessa nova categoria de relacionamento sugere a queda, a ausência “do pai que garante a estrutura, de um pai para todos, mas sim a pluralização do pai: um pai para cada um. O que culmina com a noção de sinthoma, ou seja, a de um elemento que pode enlaçar a estrutura, mas que nada garante” (PIMENTA FILHO, 2006, p. 103).

Nessa discussão, portanto, o poliamor é capaz de configurar um sintoma do mundo contemporâneo: a falta da Lei e a necessidade do gozo. Os sujeitos que aderem a tal experiência sinalizam a resistência aos discursos que excluem a impossibilidade de escolha, ao mesmo tempo em que desconstruem a estrutura familiar pautada na legitimidade de um Pai enfraquecido.

## REFERÊNCIAS

- ANAPOL, Deborah. *Polyamory in the 21st Century: love and intimacy with multiple partners*. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers, 2010.
- AMADO, Jorge. *Dona Flor e seus dois maridos*. São Paulo: Companhia das letras, 2008.
- ANTELO, Raúl. *Transgressão e modernidade*. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2001.
- BARROS, Romildo do Rêgo. O que a psicanálise tem a ver com o amor?. *Letra Clínica – Revista da Escola Brasileira de Psicanálise seção Pernambuco*. n. 02. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2008.
- BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- DEL PRIORE, Mary. *Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011.
- ESPÓSITO, Silvia Emilia. Declínio do Nome-do-Pai e alguns efeitos. *Arteira – Revista de Psicanálise*. n. 03, Florianópolis (SC), 2010.

<sup>8</sup> “A principal diferença entre as pessoas, que se encontram na promiscuidade, orgia e no sexo casual, e praticantes de poliamor é que estes últimos têm menos parceiros e apresentam um interesse sincero em construir relações íntimas de longo prazo” (Tradução minha).

<sup>9</sup> “ Afrodite deve ter sido casada com Hefesto, no entanto, ela dormia frequentemente com outros deuses e mortais, mesmo quando isso o enfurecia. Para ela, não havia nada de antiético nisso; é tolice pensar que alguém pode conter a deusa do amor” (Tradução minha).



- FORBES, Jorge. Aforismos para uma psicanálise no século XXI. In: CALDAS, Heloisa; MURTA, Alberto; MURTA, Claudia. (Orgs.). *O feminino que acontece no corpo: a prática da psicanálise nos confins do simbólico*. Belo Horizonte: Scriptum, 2012.
- FREUD, Sigmund. *O Mal-Estar na Civilização* (1930). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- \_\_\_\_\_. *“Gradiva” de Jensen e outros trabalhos*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. IX (1906 - 1908). Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- GUIMARÃES, Lêda. O parceiro amoroso da mulher ideal. *Aleph – Revista da Delegação Paraná – EBP*. As relações amorosas no século XXI. n. 01, 2010.
- LAUWE, Paul-Henri Chombart de; LAUWE, Marie-José Chombart de. A evolução contemporânea da família: estruturas, funções, necessidades. *Análise Social*, v. III, , n.º 12, 1965, pp. 475-500, Disponível em: <<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1224165225Z5aRR5fx5Sc98EV6.pdf>>. Acesso: 25 mai. 2014.
- KALDERA, Raven. *Pagan polyamory*. Becoming a tribe of hearts. Woodbury: Llewellyn Publications, 2005.
- KLESSE, Christian. Polyamory and its "others": contesting the terms of non-monogamy. *Sexualities*, v.9, n.5, p. 565-583, December, 2006. Disponível em: <[http://w3.ufsm.br/ppgcsociais/docs/PolyamoryanditsOthers\[1\].pdf](http://w3.ufsm.br/ppgcsociais/docs/PolyamoryanditsOthers[1].pdf)>. Acesso: 01 mai. 2014.
- \_\_\_\_\_. *The spectre of promiscuity: gay male and bisexual non-monogamies and polyamories*. England: Ashgate, 2007.
- MILLER, Jacques-Alain. "Os labirintos do amor". *Correio – Revista da Escola Brasileira de Psicanálise*. n. 56, Salvador (BA), 2006.
- \_\_\_\_\_. Intuições Milanesas II. *Opção Lacaniana online nova série*. Ano 2, n. 6, novembro 2011. Disponível em: <[http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero\\_6/Intuicoes\\_Milanesas\\_II.pdf](http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_6/Intuicoes_Milanesas_II.pdf)>. Acesso: 30 jul. 2014.
- \_\_\_\_\_. Mulheres e semblantes I. *Opção Lacaniana online nova série*. Ano 1, Número 1, Março 2010. Disponível em: <[http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero\\_1/Mulheres\\_e\\_semlantes\\_I.pdf](http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_1/Mulheres_e_semlantes_I.pdf)>. Acesso: 30 jul. 2014.
- \_\_\_\_\_. O amor para a psicanálise. Entrevista a Hanna Waar. *Psychologies Magazine*, outubro 2008. Trad. Maria do Carmo Dias Batista. Disponível em: <<https://www.psicologiamsn.com/2011/12/amor-psicanalise-alain-miller.html>>. Acesso: 30 jul. 2014.
- MOORS, Amy C; et al. Attached to monogamy? Avoidance predicts willingness to engage (but not actual engagement) in consensual non-monogamy. *Journal of social and personal relationship*. Disponível em: <<http://spr.sagepub.com/content/early/2014/03/31/0265407514529065.full.pdf+html>>. Acesso: 06 abr. 2014.
- PILÃO, Antonio C.; GOLDENBERG, Mirian. Poliamor e monogamia: construindo diferenças e hierarquias. *Revista Ártemis*, vol.13, jan-jul, 2012. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/artemis/article/viewFile/14231/8159>>. Acesso: 28 abr. 2014.
- PIMENTA FILHO, Jorge A. Procriação assistida: onde está o pai. *Correio – Revista da Escola Brasileira de Psicanálise*. n. 56, Salvador (BA), 2006.
- ROUDINESCO, Elizabeth. *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- SALMAN, Silvia. Encontrarse en el lugar del sinthome. *Revista lacaniana de psicoanálisis*. n. 13, ano VIII, Buenos Aires: Gama ediciones, 2012.
- SCHASCHEK, Sarah. *Pornography and seriality: the culture of producing pleasure*. New York: Palgrave Macmillan, 2014.
- SINATRA, Ernesto. *@s nov@s adit@s: a implosão do gênero na feminização do mundo*. Florianópolis: Cultura e barbárie, 2013.
- \_\_\_\_\_. La soledad globalizada es un síntoma de época. Entrevista a Pablo E. Chacón. *Télam*. Argentina, 2013. Disponível em: <<http://www.telam.com.ar/notas/201309/33467-la-soledad-globalizada-es-un-sintoma-de-epoca.html>>. Acesso: 03 mai. de 2014.
- SOLANO-SUAREZ, Esthela. Detalhes e prudências diante das trapalhadas. O corpo e seus fenômenos. *Correio – Revista da Escola Brasileira de Psicanálise*. n. 56, Salvador (BA), 2006.
- VIGANO, Carlo. Realidade virtual e realidade sexual. *Aleph – Revista da Delegação Paraná – EBP*. As relações amorosas no século XXI. n. 01, 2010.



**Abstract:** *This article proposes to debate, from the psychoanalytic point of view, the polyamory and its relations with the Jacques-Alain Miller's idea of Not-All. Dona Flor, the character of Jorge Amado's book, helps to reflect on the lack of law and the necessity of joyance as a symptom of the contemporary.*

**Keywords:** *Joyance. Polyamory. Not-All. Law.*